

Sentidos do envelhecimento feminino nos filmes *Gloria* e *Aquarius*: aspectos sobre gênero, corpo e saúde¹

Erika Drumond SARAIVA²

Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde/Fundação
Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Em uma cultura predominantemente visual como a nossa, o cinema é um espaço de transformação do imaginário social e integra um universo simbólico na construção sociocultural do envelhecimento e das narrativas individuais. Esta comunicação traz algumas reflexões sobre os sentidos presentes nos filmes *Aquarius* (2016), de Kleber Mendonça Filho, e *Gloria* (2013), de Sebastián Lelio, de acordo com seus contextos e suas relações com o campo da comunicação e da saúde, levando em conta o fenômeno do envelhecimento no Brasil e do Chile.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento feminino; cinema; estilo de vida; corpo; comunicação e saúde.

Introdução

Tomamos como objeto empírico os longas-metragens *Aquarius*, de Kleber Mendonça Filho (2016), e *Gloria*, de Sebastián Lelio (2013), para compreender a relação entre o imaginário social contemporâneo sobre a mulher e seus processos de envelhecimento e seus contextos. De acordo com dados divulgados no Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro do Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual (ANCINE, 2016) foram lançados 142 títulos brasileiros em 2016, que representaram uma receita no cinema nacional de R\$ 362.776.085,95.

Aquarius, coprodução brasileira com a França,³ ficou em 16º lugar no *ranking* dos 20 títulos brasileiros de maior bilheteria naquele ano. Foi lançado no Brasil em 1º de setembro de 2016, um dia após a aprovação do *impeachment* da presidenta Dilma

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde – ICICT/FIOCRUZ, e-mail: erikadrumond@gmail.com

³ O longa é considerado franco-brasileiro por se tratar de uma parceria entre as produtoras brasileiras CinemaScópio, Videofilmes e Globo Filmes com a francesa SBS Productions.

Rousseff,⁴ num período político turbulento, em 110 salas, e assistido por 355.085 pessoas. Na França, foi o filme mais assistido em 2016, com público acumulado de 158.230 pessoas. Sua primeira exibição ocorreu na 69ª edição do Festival de Cannes, em 17 de maio.

Dirigido pelo cineasta pernambucano Kleber Mendonça Filho, *Aquarius* é dividido em três partes (“O Cabelo de Clara”, “O Amor de Clara” e “O Câncer de Clara”), que enfocam várias questões, como o espaço urbano, a desigualdade social no país, o envelhecimento, a memória, e a resistência feminina. Conta a história de Clara Amorim, interpretada por Sônia Braga – jornalista e escritora, mãe de três filhos adultos, viúva, aos 65 anos que mora sozinha no Edifício Aquarius, de frente para a praia de Boa Viagem, em Recife, capital do estado de Pernambuco. A construção é a última em estilo antigo na orla, e a construtora Bonfim mostra-se interessada em comprar o apartamento como, aliás, todos os demais do prédio, para transformá-lo em um empreendimento imobiliário luxuoso: o Novo Aquarius. Clara recusa todas as ofertas para seguir morando até o fim da vida no apartamento em que vive rodeada de memórias e objetos, como coleção de vinis, livros, móveis antigos, fotografias.

Gloria, realizado pelo chileno Sebastián Lelio, ganha destaque internacional no ano de seu lançamento, em 2013. Foi ganhador do Festival Internacional de Cinema San Sebastian e mereceu o Urso de Ouro de Melhor Atriz no Festival Internacional de Berlim no mesmo ano. No longa, o diretor trata de temas relativos ao preconceito feminino e geracional hoje ainda pouco abordados no Chile. Gloria, interpretada por Paulina García, é uma mulher de 58 anos, independente, que vive sozinha, após ter-se separado do marido e criado dois filhos. Tem um trabalho estável e uma vida relativamente comum. É uma mulher em busca da reinvenção de si e vive a vida da maneira que deseja: encontra os amigos, sai para dançar, flerta com quem achar interessante, se permite viver em sociedade.

O roteiro aborda a capacidade de reinvenção de uma mulher “vivida”, sua ressignificação diante das transformações que permeiam essa fase da vida. A protagonista tem momentos solitários – sem que isso signifique um fardo –, e cria outros de autodescoberta.

⁴ Tal como a protagonista de *Aquarius*, Rousseff também lutara contra um câncer linfático, quando ministra-chefe da Casa Civil no governo Lula, em 2009, antes de ser destituída do cargo como presidenta, tendo sido reeleita por 55 milhões de brasileiros, em 2014 – coincidentemente, o filme parece evocar o país “infestado por cupins” colocados estrategicamente lá para minar a força de uma mulher resistente (ANDRADE, 2017).

De modo geral, os discursos das personagens Clara e Gloria podem ser considerados matrizes de resistência acerca das realidades enfrentadas pelas personagens. Observam-se aspectos que vão desde as permanências, explicitadas pela luta pelos direitos individuais de Clara para não deixar o apartamento onde mora há anos e onde guarda tantas memórias; até as rupturas, que aparecem na história de Gloria, em seu recente processo de separação, bem como sua naturalidade para lidar com o futuro. A seguir, serão comentados brevemente alguns desses aspectos.

Envelhecimento, saúde e longevidade

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), o envelhecimento está vinculado a fatores biológicos, que são os danos moleculares e celulares; e não biológicos, como as mudanças nos papéis sociais, bem como saber lidar com as perdas associadas à idade mais avançada (OMS, 2015). Além do aspecto social, envelhecer tem caráter subjetivo, sendo experimentado de formas distintas pelas pessoas. É experiência plural, mutável, influenciada por fatores, como gênero, raça, condição socioeconômica e cultural, estilo de vida, entre outros – que podem interferir na forma como o indivíduo lida com suas atividades do cotidiano, com a vida e também como as sociedades lidam com esses indivíduos e fenômeno.

Atualmente, as pessoas estão vivendo mais e o avanço da taxa de envelhecimento das populações é tendência mundial. No caso do Brasil, de acordo com projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), em 2025 seremos a sexta maior população idosa do mundo, com a predominância das mulheres. Atualmente, na média brasileira, os homens vivem 72,2 anos, e as mulheres, 79,4 anos.

Assim como ocorre com outros processos sociais, as questões de gênero também estão relacionadas com o envelhecimento, tanto do ponto de vista de seus determinantes quanto de seus efeitos. Em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo, Alexandre Kalache (2019) afirma que “a diferença de sete anos na expectativa de vida da mulher comparada ao homem no país também pode ser explicada pela morte de jovens homens, ou seja, pela desigualdade e violência social”. Destaque-se a diferença entre envelhecimento individual e populacional. O primeiro representando os efeitos da passagem do tempo; o segundo podendo ser reversível caso ocorra aumento da fecundidade ou até migração.

A 1ª Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, ocorrida em Viena (Áustria), em 1982, já mostrava a preocupação dos países com o aumento da população idosa, tendo sido realizada, aliás, para chamar a atenção para o assunto e auxiliar na elaboração de políticas públicas. Em 2006, por meio do Pacto pela Vida, o Ministério da Saúde (MS) assumiu, com as esferas estaduais e municipais de saúde, o compromisso de investir na qualidade da atenção prestada às pessoas com mais de 60 anos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), inserindo a saúde dessa população no eixo das ações prioritárias.

Considerando que o processo de envelhecimento da população é afetado por condições sociais, econômicas, culturais e étnicas, bem como por orientação sexual e gênero, as políticas sociais podem ou não reforçar desigualdades e preconceitos com relação às pessoas de idade mais avançada. Ainda em 2006, o MS fez uma revisão da Política Nacional de Saúde do Idoso, por meio da Portaria 1.395/99, para incorporação da concepção de envelhecimento ativo, segundo as recomendações⁵ da ONU. A partir da Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI), de 2006, esse conceito foi adotado no Brasil.

Problematizando o conceito de velhice

Iniciamos lançando um olhar para o conceito de velhice e suas muitas inter-relações; é construto social que pode simbolicamente receber conotações diversas: positivas, que conferem sabedoria, memória, experiência e liberdade; e negativas, pelas possíveis formas de dependência e do processo de perdas. Logo, a categorização da pessoa como velha⁶ está relacionada com sociedade à qual se pertence. Indo além: a dimensão existencial de ser velho foi assim entendida por Simone de Beauvoir (1970): tal como em todas as demais etapas da vida, ao chegar à velhice a relação com o tempo se modifica.

Dessa forma, o conceito de velhice também pode vir acompanhado de preocupações sociais, políticas, geográficas, entre outras. “A velhice não é uma categoria homogênea para todos e nem um processo de via única, situando-se nas transições contraditórias das mudanças demográfica, social, cultural e epidemiológica de cada povo” (GOLDMAN; FALEIROS, 2008, p. 28).

⁵ Para a OMS, os países, por meio de seus governos, organizações internacionais e sociedade civil, podem arcar com o envelhecimento ao estabelecerem políticas e programas de envelhecimento ativo para a melhoria da saúde, da participação e da segurança dos mais velhos.

⁶ Há vários sentidos para a palavra, e muitos deles negativos. Aqui, refere-se ao número de anos vivido pela pessoa.

A temática é marcada por algumas características, sendo culturalmente produzida e tendo como referências os processos biológicos e psicológicos; é problema social na sociedade ocidental contemporânea e fase em que o discurso científico é institucionalizado. A segmentação do curso da vida surge aos poucos com as diferenças de idade, além de funções e hábitos específicos (DEBERT, 1999).

Como dito acima, também é preciso considerar que a velhice é verificada de formas distintas em cada sociedade. Em uma determinada sociedade, ganha dimensões e significados, que dependem dos contextos sociais, culturais, históricos. No caso do filme chileno *Gloria*, a experiência do envelhecer da protagonista apresenta comportamentos comuns, como de ir trabalhar, dirigir, se exercitar, exercer sua sexualidade livremente, além do seu papel de mãe. E por mais que sua rotina seja passar a maior parte do tempo em casa, Gloria busca entrar em contato com o mundo em espaços diversos, como bares e boates.

Do mesmo modo, Clara, protagonista em *Aquarius*, também passa por conflitos existenciais – evidenciados pelas lembranças do marido falecido, pela perda de um seio por um câncer e pela dificuldade de se relacionar com outros homens em decorrência da doença que teve no passado. Ainda assim, tem cotidiano social dinâmico, mantendo uma relação prazerosa com a vida em diferentes espaços, ao sair para dançar com as amigas, almoçar, ir à praia ou passear com o sobrinho ou irmão. Tais imagens mostram que não é universal as imagens da velhice associadas à deterioração.

Determinar a idade em que a velhice se inicia é algo que tem sido muito discutido entre estudiosos em envelhecimento. Isso porque além do aspecto tempo, ela também é definida pelas condições mentais, funcionais e físicas do indivíduo, ou seja, é uma experiência individual e heterogênea. No entanto, pensaremos em velhice como uma fase definida por volta dos 60 ou 65 anos, de acordo com o Estatuto do Idoso no Brasil (2003).

A padronização das fases infância, adolescência, idade adulta e velhice é uma das razões para o processo de institucionalização da vida (DEBERT, 1999). Determina a inclusão da pessoa em determinados papéis sociais ou sua exclusão – a velhice pode ser vivenciada de forma positiva ou negativa –, portanto, além de biológico, o envelhecimento é processo influenciado pela cultura e história. Debert (1999) afirma que essa institucionalização envolve as dimensões do mundo familiar e do trabalho, e está presente na organização do sistema produtivo, bem como nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas, tendo como centro, grupos etários

específicos da população. Beauvoir (1970) também concluiu que diferentes culturas e sociedades estabeleceram formas de hierarquização a partir das idades cronológicas.

No último século, verificou-se um avanço na compreensão das causas do envelhecimento. Apesar do aumento da expectativa de vida, viver mais nem sempre significa viver bem. Talvez a velhice possa estar mais ligada à capacidade de realizar as atividades cotidianas sem esforço do que à idade propriamente dita, mostrando a tendência à “descronologização” do tempo de vida, uma das marcas da sociedade pós-moderna. “Trata-se de perguntar se a ideia de papéis sequenciados, extremamente divididos por idades, captaria a realidade social de uma sociedade que atinge o nível de desenvolvimento tecnológico da sociedade contemporânea” (DEBERT, 1999, p. 74).

Ainda de acordo com Debert (1999), a nova imagem da pessoa com idade avançada produziu a reprivatização da velhice, processo segundo o qual o indivíduo é completamente responsável por essa fase da vida: reiterando que os problemas decorrentes do processo de envelhecimento são de responsabilidade individual⁷. Por outro lado, um conjunto de discursos empenhados em rever associações negativas da velhice abre espaço para que experiências bem-sucedidas de envelhecimento possam ser vividas coletivamente. Dessa forma, um movimento inverso acompanha o processo de socialização: transformar a conotação negativa da velhice em responsabilidade individual com a adoção de formas de consumo, estilos de vida e envolvimento em atividades motivadoras.

Envelhecimento, corpo e gênero

O processo de envelhecimento é marcado por questões de gênero e se materializa no corpo. O ponto de partida das reflexões sobre o envelhecimento feminino é o conceito de gênero trazido por Judith Butler (1990). Para a autora, gênero é construído pelas *performances*; sua existência só é materializada nas práticas sociais. Dessa forma, se poderia dizer que gênero tem ligação com fenômenos da vida prática, sendo conceito relacional e contextual; é constituído por meio dos efeitos da significação engendrados pelas *performances* da linguagem (BUTLER, 1990). Lembramos das práticas sociais hierarquizadoras e da análise de Foucault (1987) sobre como o corpo está inserido em um

⁷ É inegável que a passagem do tempo exerce efeitos sobre a saúde. Nesse aspecto, a lógica neoliberal produz novos sentidos para o corpo, o cuidado com a saúde, o sentir, o pensar e o agir. O autocuidado se coaduna, portanto, com as práticas neoliberais de autorresponsabilidade na gestão do envelhecimento.

jogo de poderes, sujeito a proibições e obrigações que determinam gestos e atitudes, por meio de discursos regulatórios quando se trata de gênero. Refletindo sobre as propostas e políticas do governo que tentam moldar, controlar e normalizar a conduta dos indivíduos, bem como as possibilidades de se assujeitar ou resistir aos poderes que circundam, Rose afirma como elas nos ajudam a nos libertar da “visão profundamente enganadora de que devemos entender as práticas de normatividade que têm modelado nosso presente em termos do aparato político do Estado” (ROSE, 2011, p.25).

Na sociedade contemporânea, os cuidados com o corpo são atravessados por discursos e saberes difundidos em áreas distantes das questões da saúde pública. A cultura brasileira, particularmente a carioca, a partir da valorização de determinadas práticas, transforma o que é “natural”, o corpo, em um corpo distintivo (GOLDENBERG, 2009), que reúne o esforço para domesticá-lo, a grife para distingui-lo e o prêmio para os que conseguiram alcançar, com muito sacrifício, tempo e dinheiro as formas físicas ditas mais adequadas. Se por um lado o corpo da mulher brasileira se emancipou das submissões sexuais, procriadoras ou indumentárias, de outro, encontra-se submetido a pressões estéticas capazes de gerar ansiedade: as mulheres ora são cobradas para se manter jovens, ora por se manter jovens. O direito de ter um corpo malhado com mais de 60 anos de idade, incluindo o “combo” alimentação saudável, exercícios físicos e noites de sono bem dormidas, mostra a preocupação além do limite com a imagem e a busca pela transformação dos corpos em vitrinas. Ainda que se perceba a aproximação pela construção de um corpo perfeito, essa preocupação em se encaixar em um padrão de beleza se distancia da subjetividade e singularidade do indivíduo. Nesse contexto, as trajetórias e práticas discursivas das personalidades públicas são exemplos de bom ou mau envelhecimento, levando-se em conta o controle do corpo, o cuidado de si, o estilo de vida etc.

Pensando na trajetória de *Gloria*, fica evidenciada uma subversão dos padrões atribuídos ao corpo velho, a começar pela atmosfera fílmica, permeada por cenários quentes e por uma iluminação que remete a um clima de sensualidade. Em diversos momentos, o rosto e o corpo da protagonista aparecem em primeiro plano. A composição das cenas realça os sinais do envelhecimento e mostra o distanciamento do aperfeiçoamento e da aparência normatizada – traduzidas por um corpo plastificado e/ou medicalizado.

Nesse contexto, como nos lembram Araújo e Cardoso (2014), o poder simbólico (“poder de fazer ver e fazer crer”) é uma força de exercício de poder que tanto pode ser praticado e sofrido por indivíduos quanto por outros atores sociais, como as instituições para impor a definição do mundo social conforme seus interesses. A expressão, cunhada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1987), significa a capacidade da intervenção dos meios de produção e transmissão de formas simbólicas nos acontecimentos, influenciando ações e as reconhecendo como legítimas. É possível considerar o cinema como um desses espaços e modalidades em que, numa via de mão dupla, os sentidos sobre o envelhecimento são postos em circulação. E no caso das narrativas audiovisuais, são utilizados dispositivos de enunciação para alcançar variados receptores, a fim de que seu discurso ganhe significância. Há, portanto, uma relação de poder nos discursos cinematográficos; qualquer produção discursiva relaciona-se ao fenômeno do reconhecimento, que só se materializa quando produz sentido. “Os efeitos de uma produção de sentido são sempre uma produção de sentido” (VERÓN, 2004, p. 60).

Consumo, mídia e representações sociais

A naturalização cada vez maior da lógica consumista colabora para a construção de novos modos de vida, que inclui o apagamento da idade. Em entrevista, a doutora em sociologia da Universidade de British Columbia Laura Hurd Clarke (2016) ressaltou como é importante ser jovem e esbelto para ser bem-sucedido na sociedade contemporânea. Ela afirmou que existe uma pressão crescente sobre homens e mulheres para ostentar uma aparência de juventude por meio de narrativas do envelhecimento bem-sucedido, adotada por gerontólogos, indústria farmacêutica e cultura de consumo: “Espera-se que você seja *ageless*: alguém sem idade definida” (CLARKE, 2016, p. 153).

“A transformação da velhice em segmento de consumo, a construção discursiva do ideário *ageless* e da juventude como valor articulam as formas de discriminação com base no preconceito etário” (CASTRO, 2012, p. 4). Esse preconceito é maior entre as mulheres, pelo fato de na maioria das vezes elas serem definidas pela aparência – que é traduzida em mérito.

Indo além, a mídia de massa (televisão, jornais, internet, cinema), incluindo a publicidade, dá forma, atualiza e faz circular os conceitos e discursos sobre o envelhecimento no mundo moderno. Sobre esse aspecto, Côrte afirma que as informações divulgadas “apelam para as emoções e crenças pessoais em relação ao envelhecimento,

sendo uma das principais a de que velho é aquele que está doente; por isso ninguém quer ser nomeado velho, ou então que todo velho é sábio, bonzinho etc.” (CÔRTE, 2018, p. 40). Dessa forma, a autora afirma que a idade acaba sendo por si só uma definição da incapacidade, independentemente das competências de cada um, assim como ocorre na discriminação por gênero ou raça.

Ressalta-se o interesse da mídia em redefinir padrões de envelhecimento, transformando o idoso em potencial consumidor, seja pela busca de qualidade de vida ou pelos novos hábitos da vida moderna. Todos esses meios simbólicos são instrumentos poderosos para a formação de atitudes e crenças. A cultura do consumo encoraja não só o consumo de bens, mas de nós próprios, para uma melhoria contínua de si. Não basta ter um corpo belo, mas ter o melhor corpo. “Nossa capacidade de construir uma vida satisfatória, porém, depende do nosso corpo, e precisamos nos engajar no cuidado desse corpo tanto quanto nos cuidados de nós mesmos” (FEATHERSTONE, 2018, p. 157).

Uma das razões para enfatizar esse aspecto são o número de intervenções estéticas no Brasil. O país é um dos maiores mercados consumidores do mundo de produtos de beleza e tratamentos antienvelhecimento, sobretudo por parte das mulheres, em busca da juventude e por se sentirem merecedoras de ter uma “velhice cuidada”. O crescimento da indústria da estética também tem sido impulsionado pelas entradas das mulheres de classes C e D no mercado consumidor. “Como aprendemos na antropologia, a cultura brasileira veste o nosso corpo. Pode-se dizer que no Brasil o corpo é muito mais importante do que a roupa [...]. A roupa, neste caso, é apenas um acessório para a valorização e exposição deste corpo capital” (GOLDENBERG, 2011, p. 79).

No Chile, de acordo com pesquisadores do Programa Interdisciplinario de Estudios Gerontológicos, da Universidade de Chile, tentar retardar o envelhecimento também se tornou uma preocupação excessiva, bem como fonte de renda da indústria ao criar hábitos de consumo diferentes. Concluíram que, além das cirurgias, cosméticos, equipamentos de exercício físico, vestuário, suplementos vitamínicos, antioxidantes, uma gama de produtos e serviços prometem a recuperação da juventude. Na análise, é mencionada a importância que séries e filmes têm sobre esse aspecto, “uma vez que seus formatos de dramatização suportados por imagens são especialmente apropriados para captar a atenção do público” (PERCEPCIONES, s.d.).

Arsenal estético

Como aponta Castiel (2016) ao mesmo tempo em que se ampliou o terreno precarizado das vias simbólicas que existiam para enfrentar a finitude humana, o mercado se encarregou de oferecer um cobiçado objeto de desejo de consumo: a mais-longevidade pelas técnicas de melhoramento. Essa estetização da saúde e do estilo de vida constituem processos que também crescem muito entre pessoas de idade avançada visando ao adiamento do envelhecimento. O crescimento do número de cirurgias plásticas no Brasil e a expansão da indústria da beleza, fazem parte de um processo mais amplo de medicalização, a banalização desses procedimentos leva a novas construções de sentidos sobre o corpo colocando-o como um artefato a ser modelado, um corpo de ocasião (FERREIRA, 2006).

Cabe reforçar o investimento acelerado na prevenção de doenças, envelhecimento e promoção por parte da indústria – incluindo o que é feito via publicações e mídia de massa –, com intensa propaganda e estratégias de comunicação voltadas para o prolongamento da vida e produção de novos sentidos no cotidiano, por meio de exercícios físicos, dietas focadas em aumento da *performance*, alimentação saudável, entre outros aspectos. O estilo de vida passa a ser negócio, e a vida em sociedade sempre na forma de controle e regulação. Vemos a saúde ser mercantilizada e financiada pelo capitalismo e a disputa de poder e de legitimidade no embate dos problemas de saúde acentuada.

Mais uma vez são alimentadas a valorização da beleza, a juventude, o consumismo, a vaidade e a preocupação constante com a forma física, sobretudo no que tange às mulheres. A retórica do feminismo tem sido utilizada para auxiliar o avanço e justificar as indústrias anti-idade e de alteração corporal. *Lifting* facial, implantes, lipoaspiração são anunciados como uma tomada de poder, de controle sobre a própria vida (BORDO, 2003). Nesse sentido, Lupton (2000) levanta questionamentos quanto à construção das subjetividades e dos corpos nos discursos, bem como a função do não discursivo nesses processos, e se é possível o desafio ou a não conformidade aos imperativos do conceito de governamentalidade – a regulação dos indivíduos e imposição de formas de conduta – de Foucault (1987).

É característico da nossa sociedade uma maior visibilidade em relação às questões da saúde da mulher em comparação com a dos homens quando se trata das representações culturais. Na literatura sociológica, o processo de corporificação feminino também é mais evidenciado por meio de mais escritos e críticas (LUPTON, 2000).

Sobre esse aspecto, as personagens femininas de *Aquarius* e *Gloria* se destacam por não demonstrar interesse específico em reproduzir aparência e comportamento relativos à juventude. Aliás, são frequentes as cenas em que ambas aparecem com o corpo pouco retocado, incluindo um nu frontal em luz natural de *Gloria*. As marcas corporais advindas do envelhecer são enxergadas como naturais, assim como os atos de fumar e beber, por exemplo, de *Gloria*. A experiência, as realizações, a maturidade parecem preponderar nas vidas das personagens e talvez possam ser consideradas características positivas da velhice.

Pós-idade, idadismo e medicalização

Até a década de 1970, as imagens da velhice eram negativas e acentuavam estereótipos diversos associados às dependências física e afetiva, isolamento, ou então, de modo burlesco, vinculados à teimosia ou a tolice (DEBERT, 2018). A partir dos anos 1980, entretanto, a pessoa mais velha tendeu a ser tratada de maneira positiva, passando a simbolizar poder, perspicácia, prestígio social. No entanto, ainda é comum nas narrativas midiáticas o reforço da discriminação com as pessoas de mais idade que tendem a atribuir sentidos negativos à velhice.

Desse modo, destaca-se o conceito “pós-idade” para evidenciar o quanto o coletivo e o indivíduo negam, evitam e temem a velhice, o ser e o estar velho, em discriminação à idade, o chamado idadismo (ageísmo ou etarismo).⁸ Ao dar publicidade à pós-idade, a mídia passa a desprezar a finitude humana. Tal fato provoca um aumento da angústia e da busca de intervenção por parte da população, bem como crescimento da vigilância e da para uma vida cada vez mais longa (CÔRTE, 2018). Aqui, utilizamos o conceito de Conrad (1992), que define medicalização como o processo em que questões que até a primeira metade do século XX não eram considerados de ordem médica, como a velhice, passam a ser encarados como objetos da medicina. É com essa definição que dialogam Clarke e seus colaboradores (2003) ao propor, mais recentemente, o termo biomedicalização, “para os processos cada vez mais complexos, multilocalizados e multidirecionais de medicalização que hoje estão sendo reconstituídos por meio de emergentes formas e práticas sociais de uma biomedicina cada vez mais tecnocientífica” (CLARKE, 2003, p. 162; tradução nossa).

⁸ O termo, ainda pouco utilizado no Brasil, é derivado do inglês *ageism*.

Goldenberg (2011) também mostra o quanto a nossa cultura reforça o ageísmo, promovendo a discriminação e a exclusão social, além de eleger o corpo como capital. As recomendações da ONU, em seu Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento (2002), ressaltam essa preocupação contra o idadismo, considerando-a, aliás, questão de saúde pública.

Velhice no cinema

Aquarius e *Gloria* foram produzidos num contexto mais amplo, no qual a temática da velhice já vem sendo abordada tanto na produção nacional quanto em produções estrangeiras que circularam no país. Vale frisar que os meios de comunicação assumiram, nas sociedades contemporâneas, um lugar importante de produção e circulação de sentidos sobre os temas da vida e do cotidiano, sobretudo a velhice. O cinema é um desses espaços privilegiados. Por meio das imagens, o espectador projeta seus desejos, se identifica e se reelabora. São imagens que têm potencial tanto para proporcionar transformações sociais quanto para reafirmar realidades existentes. Pensando no processo de envelhecimento feminino na contemporaneidade, o reforço de imagens estereotipadas e a busca de adequação aos padrões masculinos também ganham evidência, sobretudo pela rejeição do envelhecimento da mulher pelas sociedades patriarcais ocidentais. “É necessário lidar com tabus, as questões mais arraigadas, como, por exemplo, de que os pais não transam, de que avós não tem vida erótica, de que sexo é só para os jovens” (AMENDOEIRA, 2018, p.121).

Todavia, também se observa a circulação de outros sentidos no audiovisual feminino – a possibilidade de representação de novas identidades em contraste com as produções que reforçam comportamentos hegemônicos e naturalizados por meio de estereótipos. Notamos, portanto, que sentidos positivos concorrentes aos estímulos da medicalização, do corpo perfeito e da cultura do consumo estão cada vez mais representados no audiovisual. Contrários aos ideais convencionais do corpo medicalizado estimulado pela cultura de consumo, esses novos protagonismos por vezes permitem apresentar ao espectador o universo feminino dentro de um processo de aceitação (e não negação) das perdas associadas ao envelhecimento, conjugando-a aos ganhos advindos da chegada da maturidade (MENDONÇA; SENTA, 2012, p. 10).

Conclusão

Os sentidos sobre a mulher em faixa etária avançada em *Aquarius* e *Gloria*, filmes contemporâneos que tendem a se afastar das simplificações que desconsideram as múltiplas identidades femininas, mostram a nova visão sobre o envelhecimento como uma fase de experiências e de realização pessoal. Mostram que a velhice pode ter uma posição de afirmação. Assim, a caracterização da mulher em processo de envelhecimento nesses filmes pode auxiliar na construção da discussão sobre a velhice e seus aspectos, a realidade atual desse grupo etário, bem como para compreender a relação entre o imaginário social contemporâneo sobre a mulher, seu processo de envelhecimento e seus contextos. A partir da manifestação simbólica do envelhecimento, também podemos refletir sobre a temática feminina diante das práticas patriarcais, comuns na cultura brasileira, bem como as marcas corporais trazidas pelo envelhecer. Essas novas percepções ganham papel importante para a reconstrução de modelos simbólicos.

O espaço que o envelhecimento feminino tem conquistado em produções cinematográficas estimula ainda novas visões e reflexões fundamentais sobre as identidades midiáticas femininas, bem como as matrizes de resistência acerca da realidade enfrentada, suas permanências e rupturas do instante vivido. Constitui uma oportunidade para o debate sobre subjetividades, normatizações, estilo de vida, promoção do autocuidado e, especialmente, dos comportamentos naturalizados na sociedade a respeito do envelhecimento da mulher e da busca pela juventude por meio do uso de tecnologias médicas – a preocupação estética aparece de alguma forma no cotidiano de mulheres de todas as idades. Isso porque ao mesmo tempo em que a longevidade é considerada conquista, é processo complexo e traz contradições: ninguém quer parecer velho.

Referências bibliográficas

AMENDOEIRA, Maria Cristina R. Envelhecimento, sexualidade e a vida: a respeito da vida erótica e criativa na velhice. In: CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva; HOFF, Tânia (Org.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo: perspectivas multidisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

ANCINE – Agência Nacional de Cinema. Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro. Disponível em: <https://issuu.com/oca_ancine/docs/anuario_2016>. Acesso em: 8 dez. 2018.

ANDRADE, A. L. **IV Congreso Internacional Historia, Arte y Literatura en el Cine en Español y en Portugués (CIHALCEP)**. 2017. Disponível em: <<http://www.cebusal.es/historia-literatura-y-arte-en-el-cine-en-espanol-y-portugues-estudios-y-perspectivas>>. Acesso em: 8 dez. 2018.

AQUARIUS. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção: Emilie Lesclaux, Saïd Ben Saïd e Michel Merkt. Roteiro: Kleber Mendonça Filho. Brasil/França. 2016. 146 min.

ARAÚJO, Inesita Soares; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BORDO, Susan. No Império das imagens: prefácio para o décimo aniversário da edição de Este Peso Insuportável. **Labrys – Estudos Feministas**, Brasília, n. 4, ago.-dez. 2003. Disponível em: <www.unb.br/ih/his/gefem>. Acesso em: 10 dez. 2018.

BUTLER, Judith. (1990). **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTIEL, Luis David. **À procura de um mundo melhor: apontamentos sobre o cinismo na saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2016.

CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva. O envelhecimento na retórica do consumo: publicidade e idadeismo no Brasil e Reino Unido. São Paulo: **Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2012. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-92b9fc0e-e94c-492d-a0f9-cd283e589d73_2764.pdf>. Acesso em: 9 set. 2018.

CLARKE, Laura Hurd. Envelhecimento, idadeismo e a invisibilidade dos idosos na mídia. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 151-155, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1173>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

CLARKE, Adele E. et al. (Ed.). Biomedicalization: technoscience and transformations of health and illness in the U.S. biomedicine. **American Sociological Review**, New York, v. 68, n. 2, p. 161-194, 2003.

CÔRTE, Betina. Na era da leveza, “o tempo é liberdade e a idade constrangimento”. In: CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva; HOFF, Tânia (Org.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo: perspectivas multidisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

DEBERT, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista USP**, São Paulo, n. 42, p. 70-83, jun.-ago. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28456>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

_____. A reprivatização do envelhecimento nas imagens da mídia. In: CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva; HOFF, Tânia (Org.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo: perspectivas multidisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

Brasil. Ministério da Saúde. Estatuto do Idoso: (2003). Brasília: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: <http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/pagina_saude_do_idoso/estatuto_do_idoso.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2019.

FEATHERSTONE, Mike. Construir uma vida e aprender a viver com os dilemas do processo de envelhecimento. In: CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva; HOFF, Tânia (Org.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo: perspectivas multidisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

FERREIRA, Francisco Romão. **Os sentidos do corpo**: cirurgias estéticas, discurso médico e saúde pública. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4465/2/239.pdf;OS>>. Acesso em: 9 set. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

GLORIA. Direção: Sebastián Lelio. Produção: Luis Collar, Juan de Dios Larraín e Pablo Larraín. Roteiro: Sebastián Lelio e Gonzalo Maza. Chile/Espanha. 2013. 110 min.

GOLDMAN, Sara Nigri; FALEIROS, Vicente de Paula. Percepções sobre a velhice. In: BORGES, Ana Paula Abreu; COIMBRA, Angela Maria Castilho (Org.). **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Rio de Janeiro: EAD/Ensp. p. 23-30, 2008. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/444168/mod_resource/content/1/Envelhecimento_e_saude_da_pessoa_idosa.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2019.

GOLDENBERG, Mirian. **Coroas**: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 77-85, dez. 2011. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/2143>>. Acesso em: 17 out. 2018.

KALACHE, Alexandre. Entrevista ao Programa Roda Viva. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/videos/67941_roda-viva-alexandre-kalache-14-01-2019.html>. Acesso em: 15 jan. 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Projeções da população: Brasil e unidades da federação. 2018. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101597.pdf>>. Acesso em: 1º fev. 2019.

LUPTON, Débora. Corpos, prazeres e práticas do eu. **Educação & Realidade**: produção do corpo, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 16-17, jul.-dez. 2000.

MENDONÇA, Maria Luiza; SENTA, Clarissa Raquel. A representação do feminino no cinema brasileiro contemporâneo: um novo olhar sobre a velhice e o envelhecimento em *Chega de Saudade*. *Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación*, n. 78, nov.-jan. 2012. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N78/06_MartinsMotter_M78.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2019.

OMS – Organização Mundial da Saúde. Resumo. Relatório mundial de envelhecimento e saúde. Genebra: OMS, 2015. Disponível em: <<https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2018.

PERCEPCIONES de los adultos mayores sobre sí mismos. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.gerontologia.uchile.cl/docs/chien5.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

ROSE, NIKOLAS. **Inventando nossos selfs**: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.